

**A MALDIÇÃO DAS FILHAS DE EVA:
UMA HISTÓRIA DE CULPA E REPRESSÃO AO FEMININO NA CULTURA
JUDAICO - CRISTÃ**

Nereida Soares Martins
Universidade Federal da Paraíba
Graduanda do curso de História
E-mail: nereida.s.m@hotmail.com

Palavras-chave: Feminino, Religião, Imaginário.

Imagens, Símbolos e Mitos:

Ao longo dos séculos a narrativa mítica do Gênesis tem amparado, simbolicamente, a construção histórica de um pensamento misógino que afirma a inferioridade feminina e a necessidade de sua submissão ao domínio masculino. Mas não se pode compreender o que tem sido dito em relação ao feminino na cultura cristã, sem considerar as dimensões simbólicas e míticas que estão em suas origens. A narrativa do *Gênesis* é o relato fundador da cultura judaico-cristã; É um mito e enquanto tal cumpre o papel de estabelecer as normas de convivência entre os homens, fornecendo modelos de comportamentos e atuando na construção de uma identidade individual e coletiva.

A análise da carga negativa atribuída a Eva se faz importante na medida em que, apesar de esta ser um personagem mítico dentro de um sistema religioso, foram as mulheres, historicamente situadas, o objeto simbólico do mal e da fraqueza humana. E pelo fato de que as hierarquias políticas, econômicas e culturais, desenvolvidas ao longo da cultura judaico-cristã, têm garantido a continuidade desse pensamento patriarcal até os dias atuais. Mesmo a quebra de hegemonia do sujeito público masculino, ocorrida nas últimas décadas, acontece apenas de forma parcial, pois não atinge de fato as estruturas de sustentação política, econômica e religiosa.

Durante séculos a Bíblia foi escrita, lida e interpretada por homens; Ultimamente se tem feito sentir a necessidade de uma releitura dos textos sagrados pertencentes à tradição religiosa cristã, de acordo com uma nova hermenêutica histórico-bíblica que leve em consideração o fato de processo de produção de bens simbólicos no interior do cristianismo tem se voltado ao longo dos séculos para a manutenção do predomínio masculino sobre o sagrado.

Com objetivo de apreender o papel desempenhado pelo Imaginário mítico na constituição do contexto sócio-cultural do ocidente cristão, serão utilizadas as fundamentações teórico-metodológicas propostas pela Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, a qual tem marcado

profundamente os estudos voltados para área de conhecimento que se dedicam ao Imaginário e à compreensão dos principais elementos que o compõem: arquétipos, símbolos e mitos.

Segundo Gilbert Durand, o Imaginário de uma dada cultura se desenvolve em torno de uma orientação fundamental, cuja base oscila entre dois pólos: o regime diurno e o regime noturno da imagem. O primeiro é caracterizado pela luz que distingue, pelas oposições (bem/mal; céu/terra; luz/trevas; alto/baixo) e pela divisão hierárquica; Seu símbolo maior é o Sol. O regime noturno é marcado pela escuridão que confunde, uni e harmoniza, longe de se reduzir a uma visão dualista do mundo, nele não há antítese, pois considera a ambigüidade presente em todos os aspectos da vida, por isso tem na imagem lunar, seu correspondente simbólico.

Quanto aos símbolos, estes seriam “qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido” (DURAND,1988; p.14). Em outras palavras, os símbolos são as expressões do imaginário e se caracterizam, sobretudo, pelas várias possibilidades de significados a eles atribuídos.

No interior das estruturas do imaginário, o feminino, pelos símbolos que relaciona, tem sido associado, ambigüamente, à vida, pelo mistério da maternidade que lhe é próprio, e à passagem cíclica do tempo que destina todos os seres inevitavelmente à morte. Frente a essa dupla natureza, as sociedades têm se pronunciado de maneira diferente; Dessa forma, em algumas culturas, as figuras femininas passaram a representar a fecundidade que dá origem à vida e, a partir do uso de símbolos de inversão, mesmo o conteúdo angustiante, presente na imagem do feminino, signo da morte, perde seu aspecto aterrorizante para significar, não o fim, mas uma passagem para uma nova fase: o renascimento. Enquanto isso, em outras sociedades a associação do feminino ao poder de vida e morte, a imagem de Senhora dos destinos, desencadeou um forte sentimento de hostilidade e medo masculinos, cujos resultados podem ser observados em práticas sociais repressivas às mulheres. Este último é o caso da cultura judaico-cristã na qual predomina o regime diurno das imagens.

O mito, por sua vez, transforma em relato histórico as escolhas que tendem a um ou outro regime, pois toda imagem mítica depende dessa escolha fundamental. Assim, a sociedade patriarcal judaica procurou desvalorizar o feminino introduzindo o princípio da desigualdade entre os sexos, presente em seu principal mito, o *Gênesis*.

O regime diurno da imagem gira em torno da “estrutura heróica” no qual o objetivo é a vitória sobre o destino e a morte, cujos significados simbólicos já vimos estarem relacionados ao feminino. Este deverá ser submetido e controlado, para o estabelecimento da “Soberania do grande Deus Uraniano” cujo correspondente simbólico é o astro solar. Este processo é comum às sociedades de estrutura patriarcais. No presente trabalho, iremos nos deter ao desenvolvimento desse processo no seio da cultura judaico-cristã.

Ao longo da História, a atitude masculina perante o “segundo sexo” foi sempre marcada por contradições, alternando entre a veneração e a hostilidade ferrenha. Esta contradição é, ela própria, fruto de uma natureza feminina ambígua;

Essa ambigüidade fundamental da mulher que dá a vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos, e especialmente expressa pelo culto das deusas-mães. A terra é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos, sob o solo ou na água profunda. É o cálice da vida e da morte... (DELUMEAU, 1993; p. 312)

A Deusa-Mãe que gera, também pode assumir o caráter de Deusa da Morte, causadora de guerras, peste, fome. No que se refere a esta passagem, vale a pena observar que a imagem do cálice, antes de ser apropriado pelo cristianismo e tornar-se a taça do Graal, tem como significado simbólico o útero.

Na cultura judaico-cristã, a Grande Mãe tornou-se aliada de Satã; sua fecundidade, luxúria; sua natureza doadora, matéria corruptível; sua divina sabedoria, falsa idolatria e sua vida; morte. A maternidade, o grande mistério da criação, impenetrável para o sexo masculino, tornou-se fonte de tabus, terrores, interdições religiosas e ritos.

O terror masculino se encarregou de configurar, em diversas sociedades, a imagem da mãe-assassina, celebrizada no mito de Medeia, mas que pode encontrar seu correspondente na bruxa medieval. O medo da mulher vai, portanto, além do “temor da castração”, como queria Freud; trata-se do medo diante da morte.

A fisiologia feminina associada ao ritmo lunar gera desconfiança e por sua maior proximidade com a natureza e seus segredos, à mulher foi sempre creditada, nas civilizações tradicionais, o poder de profetizar e por seus conhecimentos secretos, curar ou prejudicar por meio de misteriosas receitas. As mulheres seriam também mais aptas a entrar em sintonia com o cosmos e compreender a linguagem divina. Na Grécia antiga, por exemplo, as Pitonisas representavam a porta de comunicação entre os homens e os deuses, cuja mensagem, no entanto, só poderia ser interpretada pela superioridade racional masculina. Dessa maneira, o feminino tem sido relacionado ao sonho, ao obscuro, a natureza dionisíaca, instintiva. Enquanto o Homem, numa tentativa de valorizar-se, se designou apolíneo e racional (DELUMEAU, 1993).

Assim só nos resta esclarecer que o medo à mulher definitivamente não é uma invenção cristã, mas antes foi incorporada de forma intensa ao seu imaginário.

O Pecado Original e Criação da Mulher

Num dos mitos mais antigos e duradouros da História, a primeira mulher criada, foi seduzida pelo diabo e induzida a desobedecer à ordenação divina segundo a qual deveria se abster de

comer o fruto da árvore do conhecimento. Mais do que isso, ela levou a pecar o primeiro e mais puro dos homens: Adão. Portanto, além de passível a sedução diabólica, torna-se ela própria cúmplice do Mal ao incitar seu marido ao pecado. Essa atitude irrefletida gera graves conseqüências e assim como a Pandora dos gregos, a Eva judaica é acusada de disseminar o mal no mundo. Tal atitude desencadeia o processo que culmina com a perda do Paraíso e condenação de toda a humanidade a uma vida perene de dor e trabalho.

Mas uma vez a mensagem dogmática evoca as conseqüências do pecado da soberba, mas desta vez não atribuída a um anjo insurrecto, mas pela vaidade feminina, pois Eva foi convencida a pecar sob o argumento de que, ao provar do fruto proibido, não morreria; aquilo apenas havia sido dito pelo criador porque “Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o Bem e o Mal” (*Gênesis, cap.3;5*). Devemos admitir que a serpente induziu ao “erro” mas não mentiu, porque, após tomar conhecimento da desobediência do casal e de puni-los, “disse o senhor Deus: O homem agora se tornou como um de nós conhecendo o bem e o mal” (*Gênesis,3;22*). Ao desobedecer ao Deus todo-poderoso, Eva assume o direito de viver entre o bem e o mal: é a propulsora do livre-arbítrio. Além disso, identifica-se, por sua natureza orgulhosa, ao anjo decaído, Lúcifer, que depois será transformado pela cultura cristã, no grande inimigo de Deus; Aquele cuja maldade irá legitimar-lhe a crença.

Na tradição escrita talmúdica, em seus comentários ao Gênesis, no *Beresit- Rabba*, encontramos passagens que revelam o esforço de justificação simbólica masculina para a culpabilização da mulher;

Por que nos funerais as mulheres vão sempre à frente do morto? Respondeu: Porque trouxeram a morte ao mundo, elas precedem o féretro... Porque foi dado à mulher o preceito relativo à menstruação? Respondeu: Porque verteu o sangue de Adão... Porque lhe foi dado o preceito do lume no Sábado? Porque apagou a alma de Adão. (SICUTERI, 1985; p. 35-36)

A hostilidade ao feminino também pode ser sentida em várias passagens do Antigo Testamento bíblico, sobretudo no livro dos provérbios onde podem ser encontrados “edificantes” conselhos a respeito do trato com as mulheres, sempre inclinadas ao pecado. No livro do Eclesiastes, sobressai esta passagem como um perfeito exemplo de terror e ódio masculinos frente ao segundo sexo:

Eis que encontrei algo mais amargo do que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços, e cujas mãos são grilhões. Quem for bom diante de Deus escapará dela, mas o pecador virá a ser preso por ela (*Eclesiastes, Cap. 7; 26*).

Mensagens semelhantes poderão ser encontradas em numa ampla literatura medieval, além dos sermões, leis canônicas, tratados de demonologia, tratados médicos ou jurídicos, entre outros.

Quanto à postura dos teólogos antigos e modernos frente ao pecado de Eva, firmou-se a idéia de que ela havia cedido aos ditames da serpente porque carece de força moral. Portadora de um signo perverso, Eva representa o feminino que, do ponto de vista dos grandes escritos religiosos de tradição monoteísta: Novo Testamento, Talmude e Alcorão, é inferior ao homem, menos racional e mais profana. No entanto, pode-se afirmar que contava com um raciocínio eletivo superior ao do companheiro, que, em sua passividade, deixou-se conduzir pela esposa.

O pecado original, a conseqüente expulsão do paraíso e os castigos impostos a todas as gerações futuras têm sido constantemente alegados para justificar a supremacia do homem sobre a mulher. No entanto, a tradição talmúdica e teológica cristã, sobretudo a patrística, identifica em outra passagem do gênesis as raízes da inferioridade feminina. Segundo essa concepção, a mulher se vê diminuída em sua natureza desde o momento de sua criação. Mas quanto a isso outro problema se impõe, pois para a criação do homem e da mulher a narrativa bíblica apresenta duas versões que se contradizem. Na primeira versão, Deus criou o feminino e o masculino simultaneamente, dando origem a um ser andrógino: O primeiro homem, aquele que, por sua natureza dual, reflete a imagem e semelhança de Deus;

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e, conforme à nossa semelhança (...) Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. (*Gênesis*, 1; 26-27)

É em si uma passagem misteriosa e densa em seus significados simbólicos, pois introduz o principio de harmonia e totalidade encontradas no indivíduo andrógino criado “à imagem de Deus”. Nesse caso é importante destacar que o principio da harmonia total presente na união dos opostos, representada pelos seres andróginos, remete de forma explícita, ao regime noturno da imagem. Além disso, Gilbert Durand nos lembra que a maioria das divindades relacionadas à Lua possui uma dupla sexualidade.

O tema mítico da androginia é recorrente nas mais diversas culturas; entre os gregos, babilônicos, gnósticos, místicos modernos, entre outros. Da mesma forma várias filosofias se dedicaram ao tema dos princípios antagônicos que se complementam, como o Sol e a Lua, que remetem a imagem das núpcias místicas analisadas por C.G. Jung.

Na tradição talmúdica, que se dedicou aos extensos comentários a respeito do *Gênesis*, encontramos algumas citações a respeito da passagem em questão; No livro do Esplendor – o Sopher Há-Zohar, nas palavras do Rabi Abba:

O primeiro homem era macho e fêmea ao mesmo tempo pois a escritura diz: “E Elohim disse: façamos o homem a nossa imagem e semelhança” (*Gen.* I, 26). É precisamente para que o homem se assemelhasse a Deus que foi criado macho e fêmea ao mesmo tempo.
(SICUTERI, 1985; p. 14)

A primeira versão do gênesis abre ainda espaço para o surgimento de uma interessante personagem mítica, que, oriunda das tradições talmúdicas, tem povoado a imaginação de judeus e cristãos ao longo do tempo, podendo ser encontradas também nas lendas mulçumanas: trata-se de Lilith cuja tradição provém de testemunhos orais, reunidos nos textos rabínicos e referidos em diversos outros textos cristãos, sobretudo medievais. Segundo a lenda judaico-cristã, Lilith teria sido a primeira mulher criada por Deus, companheira de Adão, àquela que se recusou a submeter-se a autoridade masculina ao que foi severamente condenada pelo seu criador, a cujas ordens também não se submeteu. A tradição se encarregou de transformá-la em um ser maligno.

(...) Lilith pede para ser considerada igual, Eva pensa que não há morte ao assumir a sabedoria proibida. Lilith desobedece à supremacia de Adão, Eva desobedece à proibição. Ambas assumem um risco mediante um ato. (SICUTERI, 1985; p.38).

Segundo algumas versões, os problemas entre Lilith e Adão começaram quando ela recusou-se a estar sempre “por baixo” no momento do ato sexual. Ao ser repreendida por suas reivindicações subversivas, fugiu do paraíso, para converter-se na esposa de Satã e mãe dos demônios sexuais que na Idade Média tanto amedrontaram o imaginário religioso de clérigos, nobres e camponeses: os íncubos e os súcubos. A figura de Lilith pode ser rastreada em diversas mitologias as quais não cabe aqui remeter, mas que são analisadas, sob o ponto de vista psicológico, no livro do espanhol Roberto Sicuteri, *Lilith – A Lua Negra*.

Quanto à identidade e origem de Lilith as opiniões divergem, mas é provável que ela represente o lado feminino do primeiro ser gerado, que em algum momento separou-se de sua metade masculina. Essa idéia justificaria a fala insolente a ela atribuída através dos tempos na tradição talmúdica: “– Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual” (SICUTERI, 1985; p. 35). A imagem mítica dessa “primeira Eva” será distorcida até converter-se em essência feminina de todo mal, e acabará fornecendo, ao longo da época Medieval, todos os principais aspectos requeridos às mulheres acusadas de bruxaria, no auge da obsessão inquisitorial: perigo das parturientes, assassina de recém- nascidos, sedutora de adormecidos, prostituta voluntariosa, aliada do diabo entre outros atributos. Do ponto de vista de sua significação simbólica, Lilith pode ser considerada;

(...) uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós- bíblico a partir da mitologia da antiga suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar a nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta debilidade de Eva. (ROBLES, 2006; p 33).

À insubordinação e sensualidade de Lilith, a tradição religiosa judaico-cristã sobrepôs a personalidade culpada e oprimida de uma Eva, “nascida da costela de Adão, inferior por sua debilidade ainda que igualmente responsável pela perda da inocência humana”. Na segunda versão oferecida pelo gênese, a mulher é criada após o homem e a partir dele; De acordo com esse relato (*Gênesis*, 2; 21-24), Deus criou a mulher a partir da costela que tirou de Adão adormecido, para lhe dar “uma auxiliar que lhe fosse semelhante”. No sentido meramente utilitário do surgimento da mulher, a tradição cristã construiu a noção de um feminino diminuído em face da supremacia masculina, não como consequência ao pecado original, mas desde a sua criação; sua inferioridade é substancial e não temporal.

Temos então uma versão bem mais agradável e menos perigosa, do ponto de vista da exegese cristã, que acabou tornando-se “oficial” em detrimento da primeira, desconsiderada pela maioria dos teólogos. No entanto, alguns se esforçaram em reduzir a incoerência entre os dois relatos, tentando enxergá-los como narrativa contínua, em todo caso tratava-se de solucionar a grande questão: Afinal de contas, onde se deve reconhecer a imagem de Deus?

Agostinho, o teólogo da tradição patrística que influenciou de forma decisiva o dogmatismo da Igreja Católica, levou em consideração os dois relatos sobre a criação, enxergando entre eles uma continuidade. Segundo o pensamento agostiniano, num primeiro momento Deus fez surgir a alma racional e imortal que não possui sexo pois contém em si toda essência da natureza humana, criada “à imagem de Deus”. Esta essência espiritual comunica-se, diretamente com o Senhor e partilha de sua racionalidade e inteligência divina. Deve ser privilegiada em detrimento do ser feito de matéria, perecível ao tempo, cuja criação será narrada no segundo relato do *Gênesis*. Nessa segunda etapa, Deus gera o “homem exterior”, ou seja, o indivíduo sexuado, corporificado e temporal. Este é Adão, o primeiro Homem, de cuja matéria se cria a primeira mulher, um ser secundário e dependente material e temporalmente do Homem, segundo a vontade divina. Tal concepção fornecerá à teologia medieval a fundamentação teórica da inferioridade feminina e justificará a prática de opressão e domínio do homem sobre a mulher.

Nesse sentido as palavras deixadas pelo apóstolo Paulo muito colaboraram para tais idéias misóginas quando concorda que a mulher reflete o homem e não a imagem de Deus. De acordo com o piedoso apóstolo,

O homem não deve cobrir a cabeça, pois é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não proveio da mulher, mas a mulher do homem. O homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher do homem (...)
(*I Coríntios*, 11; 7-8).

E ainda, “Vós mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (*Efésios*, 5;22) e “ De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim as mulheres o sejam em tudo aos seus maridos”(*Efésios*, 5;24). A sequência desta passagem onde aos homens são exortados a amarem suas mulheres, não ameniza o fato de que, tal hierarquia, assim proposta, produziu

graves conseqüências no âmbito das realidades sociais, analisadas mais adiante, onde a mulher foi alvo de insistentes e incisivas críticas. A criação da mulher, em sua qualidade de auxiliar orienta as convenções sociais no que diz respeito ao matrimônio, que diante de todos estes argumentos justificam a necessidade de obediência feminina.

A mulher depende do Homem tanto quanto a Lua depende da luz do Sol para se fazer notar. Adão já não é mais o ser andrógino que por sua natureza harmônica se associa à Lua. Esta agora, por seu caráter cíclico, regular e obscuro será o símbolo de um feminino misterioso e dependente do homem. O mito assume definitivamente sua orientação fundamental a partir do regime diurno da imagem e sua apropriação, acentua ainda mais a tendência diurna por parte da cultura ocidental.

Em seus estudos, Gilbert Durand, constata que "(...) toda intensificação de um regime leva ao desequilíbrio e à patologia, seja para o indivíduo, seja para a sociedade" (PITTA, 2005; p.37), algo de que já desconfiavam alguns estudiosos da História das Mentalidades a respeito do Ocidente Cristão, sobretudo, em alguns episódios tais quais a "caça às bruxas", perpetrada pelo Santo Ofício da Inquisição.

O episódio do pecado original só fez piorar as coisas para o sexo feminino (confirmando a inferioridade racional da mulher originada no momento de sua criação), a partir do qual Deus lhes sentenciou, "O teu desejo será para o teu marido e ele te dominará." (*Gênesis*, 3;16)

O pensamento agostiniano foi construído em articulação com a filosofia platônica, segundo o qual o ser humano é formado a partir de dois princípios; um espiritual e racional, e outro material e sensível, terreno. Ceder aos desejos dos sentidos equivale a distanciar-se cada vez mais de Deus, de cuja aproximação só é possível com o resguardo a uma vida de contemplação; Para a mulher, por sua natureza sensual e terrena, se torna muito mais difícil desprender-se da vida mundana (que está sob a custódia do diabo), e alcançar a cidade de Deus. Pior do que isso! As mulheres constituem um perigoso obstáculo para o acesso masculino ao reino dos céus. Devem, portanto, ser constantemente vigiadas e, se possível renunciadas, afinal todos os cristãos sabem do mal que Eva provocou em Adão. Além disso, em diversos contos antigos, tais quais os poemas homéricos, reencontramos o tema do homem perdido porque se abandonou aos caprichos irresponsáveis de uma mulher.

A origem da desigualdade dos sexos, fundamentada no momento da criação, levou os teólogos cristãos a formularem a idéia de que, a primeira orientação da alma, voltada para o reino dos céus, e, portanto, para Deus, está associada ao elemento masculino. A segunda, na qual cede aos desejos terrenos e, portanto, ao diabo, está relacionada à natureza feminina.

O segundo teólogo de maior influência para o pensamento cristão foi Santo Tomás de Aquino (séc. XIII), cujas idéias, foram imensamente influenciadas pela doutrina aristotélica. Este celebre teólogo também se dedicou em seus estudos, ao "problema" da criação e da divisão dos sexos. Tomás de Aquino se distancia da teoria agostiniana na medida em que rejeita a distinção

de dois momentos para a criação. Segundo ele, a alma e o corpo foram criados a partir de um único gesto, primeiro o homem, depois a mulher, mas ambos criados à imagem de Deus. Em todo caso a preeminência da criação masculina sobre a feminina proporciona ao primeiro, capacidades mais racionais em relação à mulher, cuja finalidade auxiliar de sua existência também é levada em consideração. Além disso, argumentos “científicos”, herança da tradição médica antiga, sobretudo a grega, eram oportunamente alegados pelo Santo, para quem o corpo da mulher não é senão um imperfeito e deficiente. É interessante perceber que essa doutrina aristotélica segundo a qual o corpo da mulher não é senão um corpo masculino incompleto, se reflete na psicologia freudiana a respeito do grande complexo feminino: a inveja do pênis.

A debilidade física da mulher justifica a fraqueza de seu caráter incontinente e corruptível. A inferioridade da mulher não é mais uma questão apenas de concepções religiosas, é corroborada segundo as leis naturais.

A dominação masculina pôde então ser considerada justa na medida em que é exercida para benefício do dominado e não por mero interesse individual do dominador; É quase um favor que homens tão devotos se dediquem a vigiar e guiar o sexo frágil, pelo qual, em louvor a Deus e ao bem da humanidade, devem responsabilizar-se. É da submissão feminina que depende a harmonia do casal desde o primeiro instante da criação e se a preeminência masculina sobre as mulheres se embruteceu, o foi por consequência direta e justa pela culpabilidade de Eva. Assim, “(...) O homem procurou um responsável para seu sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher...” (DELUMEAU, 1993; p.314.)

Por toda Idade Média e Moderna (num processo que dura até os dias atuais), os discursos misóginos foram repetidos pelas autoridades religiosas com tal insistência que somos induzidos a aceitar como naturais as idéias e representações acerca do feminino. Cabe aos historiadores perguntarem se o imaginário cristão a respeito da mulher se constitui em um cenário uniforme; se a aquiescência aos seus discursos não apresentam falhas no campo das relações sociais. Embora a prática social tenha em grande parte dos casos, tenha se mantido em consonância com o discurso religioso, não podemos excluir as distorções e hibridismos gerados a partir do choque entre a cultura cristã e os elementos de um imaginário mítico relacionado ao feminino, provenientes de elementos culturais mais antigos ao qual o cristianismo se sobrepôs. Mas este assunto deverá ser discutido numa próxima fase deste trabalho.

“Reafirmar a subjetividade feminina na cultura e na religião é abrir espaços para uma consideração igualitária de produção de valores e símbolos públicos.”

Ivone Geabra

Referências Bibliográficas:

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A Imaginação Simbólica**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix,, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

GEABRA, Ivone. Teologia feminista: uma expressão da contra cultura na Religião. **Filosofia**, São Paulo, nº 17; p. 14-21, 2007.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HANAUER, J. E. **Mitos, Lendas e Fábulas da Terra Santa**. Tradução de Uri Lam. São Paulo: Landy Editora, 2005.

KLAPISH-ZUBER, Cristiane. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006; p. 137-149.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica editora, 2005.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas – O feminino através dos tempos**. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SICUTERI, Roberto. **Lilith – A Lua Negra**. Tradução de Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.